



INSTITUTO
DE
ARQUEOLOGIA
FAC. DE LETRAS - COIMBRA
PALÁCIO SUB-RIPAS

aniversário
1954 • 2004

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLV - 2006

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SÉRGIO PEREIRA

Arqueólogo na Fundação Cidade de Ammaia

AMMAIA: UM PROJECTO AUSPICIOSO

“Conimbriga” XLV (2006) p. 139-152

RESUMO: Pretendemos dar a conhecer o projecto da cidade romana de *Ammaia*, um dos mais interessantes no contexto da arqueologia portuguesa, relacionada com o período romano. O interesse científico, as áreas intervenionadas, o centro museológico, passando pela própria gestão do sítio, são alguns pontos aqui apresentados.

RÉSUMÉ: Nous désirons présenter le projet de la ville romaine de *Ammaia*, très intéressant dans le contexte de la archéologie portugaise, relationnelle avec le période roman. L'intéresse scientifique, les areas d'intervention, le centre muséologique, la gestion du site, sont quelques aspects que nous allons présenter.

(Página deixada propositadamente em branco)

AMMAIA: UM PROJECTO AUSPICIOSO

Introdução

Ao participarmos no Colóquio “Percurso e Projectos de Antigos Estudantes do Instituto de Arqueologia” da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, não podemos deixar de agradecer a oportunidade de partilharmos o nosso modesto percurso e o projecto em que estamos envolvidos. Igualmente, não podemos deixar de manifestar a nossa gratidão a todos os Docentes deste Instituto, que ao longo dos cinquenta anos de existência lhe deram corpo, à D. Maria de Lurdes (Milú) e a todos os antigos alunos. Se é certo que todos fazemos parte da história deste Instituto, também ele faz parte da nossa própria história.

A nossa ligação à Cidade Romana de *Ammaia* surgiu em 1995, quando ainda na condição de estudante participámos numa campanha de escavações, realizadas na área da Porta Sul, sob a orientação da Dr.^a Isabel Cristina Fernandes. Volvidos três anos, surgiu a possibilidade de integrar a equipa técnica da Fundação Cidade de *Ammaia*, entidade responsável pela gestão do sítio.

Dado que existe alguma bibliografia específica sobre o sítio, optámos por não repetir o que se encontra publicado, pretendendo-se apenas apresentar o projecto, ainda pouco conhecido no seio da comunidade arqueológica.

Desde o final do século XVI, que a localização da cidade de *Ammaia* era remetida para Portalegre. O equívoco surgiu com Frei Amador Arrais (1589), que ao identificar um pedestal na Ermida do Espírito Santo, em Portalegre, dedicado a Lúcio Vero pelo *mvnicip ammai* (*CIL* II 158; *IRCP*, n.º 616), não teve dúvidas em localizar ali a *civitas*. André de Resende (1593) procurando justificar a existência dos vestígios arqueológicos em S. Salvador da Aramenha, perpetuou o equívoco ao propor que os *medobrigenses*, um dos povos citados na inscrição da Ponte de Alcântara (*CIL* II 760), fossem os habitantes daquelas ruínas.

Só o aparecimento de um pequeno cipo (Vasconcelos, 1935; *IRCP*, n.º 615) em S. Salvador da Aramenha, recolhido por António Mações e publicado por Leite de Vasconcelos em 1935, viria a resolver em definitivo a questão da localização da cidade. Convém lembrar que até àquela data, a bibliografia referente à *Ammaia* surge associada a Medobriga.

Assim, a *civitas Ammaia* localiza-se no lugar e freguesia de S. Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, distrito de Portalegre. A área da cidade, próxima dos 20 hectares, reparte-se pelos terrenos, cujos topónimos são: Quinta do Deão, Tapada da Aramenha, Quinta da Azenha Branca e Picadeiro. Implantada numa encosta suave virada a nascente, a sua altimetria varia entre 524 m e 550 m. O edifício Quinta do Deão (actual museu), construído no interior da cidade, detém as seguintes coordenadas U.T.M. obtidas sobre a C.M.P. 1:25 000, folha n.º 348, de 1971: X – 639,15; Y – 4359,32 (Est. I).

A classificação das ruínas como Património Nacional, em 1949, pelo decreto-lei n.º 37 450, de 16 de Junho, não implicou a sua salvaguarda efectiva. Apesar do interesse em adquirir as propriedades e iniciar as respectivas escavações, o Município de Marvão nunca chegou a acordo com os proprietários, perdurando os abusos e as destruições, por mais quatro décadas (Oliveira, 2002: 29-30).

Em 1994, o Eng. Carlos Melancia adquiriu os terrenos da Tapada da Aramenha e da Quinta do Deão, dando início ao projecto de estudo e musealização. No ano seguinte, após o levantamento topográfico da área urbana, tiveram lugar os primeiros trabalhos arqueológicos.

A importância do projecto

A tutela científica do sítio é assegurada por uma Comissão Científica do Departamento de História da Universidade de Évora. Actualmente, a equipa técnica é coordenada pelos Doutores Filipe Themudo Barata e Vasco Gil Mantas, contando no campo com os arqueólogos Joaquim Carvalho, Sérgio Pereira, Sofia Borges, um técnico de arqueologia, João Aires, e alguns operários.

O projecto *Ammaia* poderá vir a ser um dos mais importantes para a Arqueologia portuguesa relacionada com o período romano e uma referência obrigatória, assim como Conimbriga o foi no século passado.

Segundo Vasco Mantas “este projecto torna-se particularmente importante, dado que no panorama da arqueologia romana do território português, são raros os sítios de estatuto municipal que permitem a sua escavação integral”.

A Sul do Tejo poucos são os centros urbanos romanos que não se encontram reocupados, na actualidade. A *Ammaia*, *Mirobriga* e *Balsa* são algumas das excepções. Sendo *Mirobriga* e *Balsa* cidades atlânticas, parece-nos que a *Ammaia* desempenha um papel relevante, pela posição central e de interioridade que ocupava na província lusitana.

A sua evolução político-jurídica e administrativa (*oppidvm constitvum*, *civitas* e *municipvm*) conferiram-lhe uma importância acrescida, destacando-se de outras *civitates*.

Os objectivos traçados no início deste projecto visam o conhecimento científico do sítio e do território que lhe estava associado, nos mais diversos aspectos. Muitas são as questões que se encontram ainda em aberto, como o momento e o contexto da localização da cidade, a rede viária, a economia, a sociedade, o território, o período visigótico, a ocupação islâmica, o seu abandono, entre outros. Como se depreende, a escavação sistemática da área urbana torna-se essencial, para tentar esclarecer estas e muitas outras questões.

Apesar de localizadas numa zona rural, as ruínas foram alvo de alguns impactos como a Estrada Nacional n.º 359, a Estrada Municipal S. Salvador da Aramenha > Porto da Espada e a construção de algumas habitações. A passagem de infra-estruturas pelo interior da cidade tem contribuído com destruições pontuais, traduzindo-se num problema de difícil contorno, já que envolve uma multiplicidade de interesses e instituições (EDP, Portugal Telecom, Junta de Freguesia, Câmara Municipal de Marvão e Junta dos Agricultores da Apartadura). Mesmo assim, a área urbana encontra-se acautelada de grandes impactos, permitindo a sua escavação quase na totalidade. Aliás, a Fundação Cidade de *Ammaia* tem desenvolvido uma política de anexação de propriedades, faltando apenas um terreno com habitação, para que se complete o puzzle urbano (Est. II).

Maior cuidado requer a área ocupada pelas necrópoles, já que se encontra maioritariamente na posse de particulares. Ainda que os níveis de urbanização sejam reduzidos, a médio prazo, o Plano Director Municipal constituirá uma ameaça, já que pretende ocupar e urbanizar a zona da necrópole Noroeste. Algumas referências mostram que este espaço fúnebre fora objecto de violações ou intervenções não sistemáticas

(Oliveira, 1994: 118), prolongando-se até às proximidades da igreja de S. Salvador da Aramenha (Coelho, 1924-2003: 38).

A aprovação da ZEP (Zona Especial de Protecção) torna-se essencial na protecção futura das ruínas, da zona envolvente e sobretudo da área das necrópoles. Poderá impedir a expansão da aldeia no sentido da necrópole Noroeste. Por outro lado, implicará que todas as obras, a realizar na área delimitada, sejam devidamente acompanhadas.

Não menos importante, poderá ser o projecto para a região, constituindo um importante pólo de desenvolvimento sustentável, potenciando o turismo cultural, o comércio e a hotelaria, as actividades económicas alternativas do Nordeste Alentejano.

Áreas de Intervenção

A observação pontual de estruturas motivou a escavação sistemática de três áreas, que viriam a revelar o *Forum*, as Termas do *Forum* e a Porta Sul (Est. II).

A observação parcial do *podium* do templo permitiu a identificação do *forum*. Este conjunto monumental teria 66 m de largura por 99 m de comprimento, ainda que esta medida possa ser de apenas de 88 m. O *forum* era delimitado por uma estrutura argamassada, em *opus incertum*, com 0,80 m de largura. No interior do edifício, seguia uma estrutura paralela, construída nos mesmos moldes, criando um espaço com cerca de 4,40 m de largo, que poderia funcionar, lateralmente, como área comercial, com as habituais *tabernae* (Mantas, 2000: 414; Carvalho, 2005). Neste caso, não será de excluir que exista uma terceira estrutura paralela, que suportasse a colunata de um pórtico (Est. IV).

Do templo, provavelmente tetrástilo, conservou-se apenas o enchimento do *podium*, em *opus caementicium*, já que o revestimento, em silhares de granito, foi irremediavelmente delapidado. Assim, as medidas exactas da base do edifício tornam-se difíceis de precisar, conservando-se cerca de 17,30 metros de comprimento por apenas 9 metros de largura. O espaço da *cella* detém 9,50 m de comprimento, apresentando-se bastante destruído.

É provável que existisse uma *curia* e uma *basilica* junto do topo Sudeste, a ladear a entrada do *forum*. O momento em que este conjunto foi edificado é ainda uma incógnita, podendo apontar-se como provável o período *júlio-claudiano*.

É possível que à frente do *forum* passasse o *decumanus maximus*, localizando-se do outro lado da rua o edifício das termas. Apesar da área de escavação ser ainda reduzida, foi possível identificar um tanque de pequenas dimensões. Revestido com placas de mármore, possuía um piso em *opus signinum*, tratando-se com alguma probabilidade do *frigidarium*. Ao lado surgiu uma possível *natatio*, delimitada por silhares de granito, detendo uma base, igualmente em *opus signinum*, embora não se reconheça nenhum tipo de revestimento (Borges, 2002: 91-93). Foi também identificada uma ampla área porticada cuja função, para já, se desconhece (Est. III a).

A Porta Sul seria a entrada principal da urbe. Daqui partia o *cardo maximus* que ladeava o *forum* do lado Nordeste. Saía também uma via para *Augusta Emerita*. A entrada era constituída por duas torres circulares, com 6 m de diâmetro, um arco ou porta e uma imponente praça lajeada (Oliveira, 1996: 19-21; *Idem*, 1999: 133-134). O arco colocado entre as torres, também conhecido por “Arco da Aramenha”, foi levado para Castelo de Vide, em 1710, conservando-se *in situ* parte da soleira da porta (Coelho, 1924-2003: 33-36). Após as torres existia uma ampla praça, dividida pelo *cardo* em duas partes simétricas, estas pavimentadas com lajes de granito quadrangulares, com cerca de 0,90 m de lado. Ambas as partes da praça detinham 21,30 metros de comprimento por 10,75 metros de largura (Est. III b; foto 1). É provável que a construção deste conjunto monumental tenha ocorrido em finais do século I – inícios do século II, talvez no principado de Trajano (Oliveira, 1999: 133-134; Pereira, 2002: 113).

Da reutilização das lajes resultou a destruição do lajeado a Sudoeste do *cardo maximus*. Curiosamente, verificou-se que sob este lajeado existiam estruturas habitacionais mais antigas, datáveis da primeira metade do século I d.C. A sua demolição parcial foi uma consequência da monumentalização desta entrada. O recuo da área habitacional foi evidente, surgindo também duas *tabernae* viradas para a praça.

A necessidade de construir um espaço museológico e um parque de estacionamento determinaram duas intervenções de emergência. A primeira aconteceu no edifício Quinta do Deão, cujo interior foi totalmente escavado entre 1998 e 2000. O edifício fora construído, em finais do século XVIII ou inícios do século XIX, sobre uma zona habitacional romana. A própria fachada do edifício ficou assente na muralha romana (foto 2). As primeiras construções aqui edificadas terão surgido na pri-

meira metade do século I d.C. Nas traseiras do actual edifício foram identificados vestígios de *suspensurae*, de passagens de ar sob as estruturas e de um *praefurnium*, revelando a presença de umas termas. Parece-nos aceitável que na primeira fase de ocupação esta zona fosse ocupada por famílias mais abastadas. Contudo, no período islâmico, as termas já tinham deixado de funcionar, tendo sido adaptadas a necessidades habitacionais, cuja modéstia é evidente.

A construção de dois parques de estacionamento em frente ao referido edifício (actual museu) ditou a segunda intervenção preventiva. A escavação revelou alguns troços da muralha e uma vala/cloaca escavada no afloramento de xisto, que seguia paralela àquela estrutura. Surgiram também algumas estruturas extra-muros. À frente do edifício Quinta do Deão surgiu uma base/alicerce construída em silhares de granito, associada a duas sepulturas, localizadas, uma no interior e outra no exterior da construção. É possível que se trate de um edifício religioso ou funerário, tipo mausoléu. Surgiu também uma via que circundava o perímetro urbano, construída já na fase de abandono da cidade, ou mesmo *a posteriori*.

A existência de alguns indícios à superfície, apoiada pela foto-interpretção, apontam para a existência de outras estruturas urbanas, apesar de não terem sido efectuadas quaisquer escavações. Na área da Porta Sul, Vasco Mantas avança com a hipótese da praça Nascente, ser delimitada pela fachada do *macelum*. A prospecção geofísica realizada pela equipa da Universidade de Gent (Bélgica) aponta para a existência de um amplo espaço central, ladeado por *cellae*. No período visigótico ou mesmo islâmico, esta área foi adaptada a habitação, observando-se um *peristilum* e três *cellae*.

Junto do ângulo Oeste da cidade, o topónimo Picadeiro é atribuído a um recanto semicircular, localizado no sopé da encosta. Parece evidente o aproveitamento da orografia do terreno para implantação do possível teatro e da própria *cavea*.

Bem próximo, observa-se na fotografia aérea uma anomalia de forma ovóide, que poderá denunciar a presença de um anfiteatro. Apesar das dimensões da anomalia corresponderem àquele tipo de edifício e as prospecções geofísicas indicarem a presença de algumas estruturas, os vestígios à superfície são reduzidos, constituindo para já uma hipótese.

Por último, à saída de S. Salvador da Aramenha, algumas anomalias de grandes dimensões parecem indiciar a presença de um hipódromo ou circo, se bem que no terreno a sua percepção seja difícil.

Nestes dez anos de intervenções arqueológicas a área escavada não chega a representar 5% da área urbana, permitindo antever não só a importância do projecto, como também o potencial arqueológico, museológico e turístico.

Museu e Laboratório

Desde o início do projecto que se considerou essencial a existência de um centro museológico, traduzindo-se num elemento fundamental em estações arqueológicas deste tipo. A recuperação do edifício da Quinta do Deão, que decorreu entre 1999 e 2001, implicou a escavação de todo o seu interior. Este edifício rural, tipo “monte alentejano”, encontrava-se em adiantado estado de degradação. O projecto de recuperação, da autoria do Arq.º João de Vasconcelos e Sousa Lino, manteve a traça e a arquitectura originais, permitindo que ali fosse instalado um museu de sítio, alguns gabinetes de trabalho, uma reserva e uma biblioteca.

O espaço reservado à musealização ronda os 250 m², repartindo-se por 10 salas. Actualmente, encontram-se patentes duas exposições temporárias. A primeira, inaugurada em 2002, encontra-se subdividida por salas temáticas que abordam vários temas relacionados com a cidade: “Sociedade Ammaiese”, “Cultos e Divindades”, “Circulação Monetária”, “Cerâmica Romana”, “Iluminação”, “Actividades Económicas”, “Arquitectura e Urbanismo”. Encontra-se ainda exposta uma exposição temporária do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), cujo espólio, é proveniente, em grande parte, de uma das necrópoles da cidade. As peças recolhidas e adquiridas por António Maçãs, um latifundiário da região, eram enviadas para José Leite de Vasconcelos e para o Museu Etnológico (actual MNA).

Importa referir a colaboração da Câmara Municipal de Marvão que através de protocolo, assegurou as despesas de funcionamento do Museu da *Ammaia*, constituindo uma extensão do Museu Municipal de Marvão, para o período romano. Implicou a transferência de um conjunto epigráfico significativo, proveniente das ruínas e que se encontrava depositado naquele museu.

Em fase de projecto encontra-se a exposição permanente, que pretende apresentar um novo discurso museológico, renovar o mobiliário expositivo e valorizar as ruínas, através de informação *in situ*.

Um dos grandes problemas da Arqueologia é a limpeza, a conservação e o restauro dos bens arqueológicos exumados, que igualmente afecta exposições e museus. Ao nosso dever de preservar, estudar e expor, contrapõe-se o elevado custo e a morosidade do tratamento de materiais. No nosso caso, a solução para tratar as mais de 2000 moedas, os bronzes, os ferros e as cerâmicas foi a criação do Laboratório de Conservação e Restauro da *Ammaia*, que entrará em funcionamento em 2006, sob a responsabilidade técnica de Mathias Tissot. Com uma área técnica de 155 m², encontra-se devidamente equipado. Ao lado, localiza-se o depósito de materiais, cuja área de armazenamento é de 100 m².

Gestão do sítio

No nosso país, a gestão de sítios arqueológicos revela-se muito difícil, esteja ou não interligada a instituições públicas. A falta de verbas, as reduzidas receitas, a burocracia e a diminuta prática do mecenato provocam uma escassez de meios financeiros e humanos.

Neste projecto, uma das soluções encontradas foi a constituição da Fundação Cidade de *Ammaia*, através de escritura pública de 27 de Novembro de 1997. Dela fazem parte como curadores o Município de Marvão, a Universidade de Évora, o ICN/Parque Natural da Serra de S. Mamede e alguns particulares, com destaque para o Eng. Carlos Melancia, actual presidente. A partir de 1998, foi possível contar com o apoio financeiro do programa AVNA (Acção de Valorização do Norte Alentejano), permitindo a concretização de alguns projectos estruturais e a aquisição de equipamento. Têm sido estabelecidas várias parcerias e protocolos com instituições públicas como a Câmara Municipal de Marvão, o Instituto Turismo de Portugal e o ICN/Parque Natural da Serra de S. Mamede, permitindo aceder a projectos e fundos europeus.

Até ao momento, a única fonte de receita resulta das entradas do museu, embora pouco significativa, face ao número de visitantes anual, cerca de 6000.

Neste capítulo, salientamos que este projecto tem procurado inovar, procurando criar um conjunto de alternativas geradoras de receitas, que permitam a médio prazo contribuir para um equilíbrio financeiro. Segundo Joaquim Carvalho, “o laboratório poderá, num futuro próximo, constituir uma mais-valia já que a sua criação perspectivou não só o tratamento de peças provenientes da *Ammaia*, como também está

preparado para dar resposta a diversas solicitações já efectuadas por outras instituições e museus, no âmbito da conservação preventiva e restauro do seu espólio expositivo”. A divulgação turística e científica, o apoio de mecenas, a realização de eventos, a produção de réplicas, a criação de uma loja, a prestação de serviços arqueológicos e o aproveitamento agro-pecuário e silvícola de áreas não arqueológicas poderão constituir algumas das alternativas.

Visando a cooperação científica, foram também celebrados alguns protocolos com universidades estrangeiras: Gent, da Bélgica (em associação com Cassino, da Itália e o Trinity College, da República da Irlanda) e Louisville, dos Estados Unidos.

BIBLIOGRAFIA AMMAIENSE

Como sublinhámos no início, foi nossa intenção não repetir o que se encontra publicado sobre a cidade, no entanto, consideramos oportuna a indicação da bibliografia de referência, constituindo uma base de trabalho para futuros estudos.

- ALARCÃO, Jorge de (1971), “Vidros romanos de Aramenha e Mértola”, *O Arqueólogo Português*, 3.^a série, V, Lisboa, pp. 191-200.
- Idem* (1985), “Sobre a romanização do Alentejo e Algarve – A propósito de uma obra de José d’Encarnação”, *Arqueologia*, 11, G.E.A.P., Porto, pp. 99-123.
- Idem* (1988), “Os montes Hermínios e os Lusitanos”, In: *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, vol. II, Lisboa, pp. 41-47.
- Idem* (1999), “Três notas sobre o Alentejo Romano”, *Al Madan*, 8, II série, Almada, pp.72-74.
- ARRAIS, Frei Amador (1589-1974), *Diálogos de Frei Amador Arrais*, Introdução e Revisão de M. Lopes de Almeida, Lello e Irmão – editores, Porto, 1974, pp. 241-242 (Cap. X, 114-3 / 115-1).
- BORGES, Sofia (2002) “A cidade romana de *Ammaia*: as Termas do Forum (notícia preliminar)”, *Ibn Maruán*, 12, Câmara Municipal de Marvão, pp. 85-97.
- BRITO, Frei Bernardo de (1609-1975), *Monarchia Lusytana*, Tip. Mosteiro de S. Bernardo, Lisboa, (ed. Facsim., tradução de A. Da Silva Rego, notas de A. A. Banha e M. dos Santos Alves, Livro Quinto, Parte Segunda, INCM, Lisboa (1975).
- CARDOSO, Pe. Luiz (1751), *Dicionário Geográfico ou Notícia Histórica*, Tomo II, Lisboa.
- CARNEIRO, André (2002), “O fim do império e a cristianização no território da *civitas ammaiensis*: mudança e continuidade no concelho de Fronteira”, *Ibn Maruán*, 12, Câmara Municipal de Marvão, pp. 135-157.
- CARVALHO, Joaquim (2002), “*Ammaia* e a sua rede viária, algumas propostas de trabalho”, *Ibn Maruán*, 12, Câmara Municipal de Marvão, pp. 69-83.

- Idem* (no prelo) “O Forum de Ammaia e a Prospecção Geofísica”, In: «Actas das III Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano – 2005», *Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- CIL HUBNER, E. (1869), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924/2001), *Terras de Odiana – Subsídios para a sua História Documentada*, edição fac-simile da edição de 1924, Introdução de António Ventura, Ibn Maruán, 11, edição especial de 2001, Câmara Municipal de Marvão.
- DE MEULEMEESTER Johnny e Pereira, Sérgio (2004), *La ville romaine d’Ammaia*, brochura, Division du Patrimoine du Ministère de la Région wallonne, Belgique, Fiche n.º 04.1.
- DIÁRIO DO GOVERNO, n.º 129, de 16 de Junho de 1949, decreto-lei n.º 37 450.
- DIAS, M.^a Manuela Alves (1982-83), “Miscellanea Nummismatica”, *Informação arqueológica*, 5, pp. 247-250.
- FERNANDES, Lídia (2003), “Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha – Marvão)”, *O Arqueólogo Português*, 4.^a série, XIX (2001-2003), Lisboa.
- FREIRE, José Geraldes (1982), “Mulher de Amaia curada em la Rioja (Castela)”, *A Cidade*, 4, Revista Cultural de Portelegre, p. 42.
- GUERRA, Amílcar (1995), *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Coleção Arqueologia & História Antiga, Colibri, Lisboa, pp. 42, 43, 138 e 139.
- Idem* (1996), “Ammaia, Medobriga e as ruínas de S. Salvador de Aramenha; dos anti-quários à historiografia actual”, *A Cidade*, Revista Cultural de Portalegre, 11, Colibri, pp. 7-33.
- GUSMÃO, Francisco A. Rodrigues (1861), “Apontamentos Archeologicos”, *Archivo Pit-toresco*, IX, 4, Lisboa, pp. 394; 403-404.
- Idem* (1876), “Apontamentos archeologicos: Medobriga”, *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2.^a série, I (10), Lisboa, pp. 152-153.
- Idem* (1961), “Apontamentos archeologicos: Porta da Aramenha, Medobriga, Hermínio”, *Boletim Architectonico e de Archeologia*, IV (3), Lisboa, pp. 394-95, 402-04.
- Idem* (1874), “Apontamentos archeologicos: medalhas de prata encontradas nas antigas ruínas de Medobriga (Aramenha)”, *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2.^a série, I (3), Lisboa, pp. 45-46.
- IRCP ENCARNAÇÃO, José d’ (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- JALHAY, Eugénio (1947) “Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão)”, *Brotéria*, XLV, 6, Lisboa, pp. 5-23.
- LAMBRINO, Scarlat (1956), “Les incriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos”, *O Arqueólogo Português*, 2.^a série, vol. III, Lisboa, pp. 5-73.
- Idem* (1967), “Les incriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos”, *O Arqueólogo Português*, 3.^a série, I, Lisboa, pp. 123-217.
- LEAL, Pinho (1873-1890), *Portugal Antigo e Moderno, Diccionario Geographico, Estatístico, Chorografico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias*, Emprêza Literária Fluminense Lda.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1758), *Descrição do Reino de Portugal*, Of. de Simão Thadeo Ferreira, Lisboa.

- MANGAS, Júlio (1971), *Esclavos y libertos en la España romana*, Salamanca.
- MANTAS, Vasco Gil (2000), “A sociedade luso-romana do município de Ammaia”, In: *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana – «IV Mesa Redonda Internacional»*, Série Estudos Portugueses, Mérida, pp. 391-420.
- Idem* (2002), “Libertos e escravos na cidade luso-romana de Ammaia”, *Ibn Maruán*, 12, Câmara Municipal de Marvão, Lisboa, pp. 49-68.
- Idem* (2003), “Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão)”, In: «*Au Jardin des Hespérides. Histoire, Société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy*», pp. 87-105.
- MARTINS, Maria Adelaide P. (1995), “Por entre a Ammaia desconhecida”, *Ibn Maruán*, 5, Câmara Municipal de Marvão, pp. 51-56.
- NEVES, J. Conceição (1972), “Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha”, *Conimbriga*, XI, Coimbra, p. 5-34.
- Idem* (s/d), “Pedras de anel e anel”, artigo policopiado existente na Fundação Cidade de Ammaia, cuja publicação não localizámos (1972 ?), pp. 81-99.
- OLIVEIRA, Jorge de (1991), “A estátua romana da Escusa (Aramenha – Marvão)”, *Ibn Maruán*, 1, Câmara Municipal de Marvão, p.85-96.
- Idem* (1996), “Cidade de Ammaia (Marvão)”, *Ibn Maruán*, 6, Câmara Municipal de Marvão, Lisboa, pp. 15-22.
- Idem*, (1996), “Fundação Cidade de Ammaia”, *Nué*, 4, Ano II, Universidade de Évora, Évora.
- Idem*, (1996), “O salvamento da cidade romana de Ammaia”, *Boletim Municipal*”, Câmara Municipal de Marvão, pp.17-19.
- Idem* (2002), “A cidade romana de Ammaia, documentos para a sua história recente”, *Ibn Maruán*, 12, Câmara Municipal de Marvão, pp. 11-48.
- OLIVEIRA, Jorge de e BALESTEROS, Cármen (1989), *Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura*, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.
- OLIVEIRA, Jorge de et alii (1999), “Cidade romana de Ammaia, S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal”, In: «*Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*», Tomo IV, Universidade de Alcalá, Zamora, pp. 129-134.
- OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; e BALESTEROS, Cármen (1996), “Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede”, *Ibn Maruán*, 6, Câmara Municipal de Marvão, pp. 43-61.
- OLIVEIRA, Jorge de; CARVALHO, J.; e BORGES, S. (1998), *Cidade Romana de Ammaia*, brochura, Região de Turismo de S. Mamede, Corlito, Setúbal.
- OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S. (1994), “A cidade romana de Ammaia na correspondência entre António Maças e Leite de Vasconcelos”, *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. XI-XII, 1993-94, Lisboa, pp. 103-134.
- OLIVEIRA, Jorge de; e PEREIRA, Sérgio (2005), “Do domínio islâmico à «Reconquista Cristã» na freguesia de S. Salvador da Aramenha”, In: *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia*, Coord. Jorge de Oliveira, *Ibn Maruán*, 13, Câmara Municipal de Marvão, Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha, pp.73-79.
- PAÇO, Afonso do (1953), “Carta arqueológica do concelho de Marvão”, In: «*Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*», Lisboa, 1950, 7.^a

secção, Ciências históricas e filológicas, Lisboa, Associação para o Progresso das Ciências, p. 93-127.

PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, (D.) Fernando de (1962), “Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXII, Guimarães, pp. 145-151.

PEREIRA, Sérgio (2002), “Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (*Ammaia*)”, *Ibn Maruán*, 12, Câmara Municipal de Marvão, pp. 99-134.

Idem (2005), “A Freguesia da Aramenha sob o domínio romano”, In: *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia*, Coord. Jorge de Oliveira, *Ibn Maruán*, 13, Câmara Municipal de Marvão, Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha, pp. 35-61.

Idem (2005), “Da desagregação do império ao período visigótico na freguesia de S. Salvador da Aramenha”, In: *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia*, Coord. Jorge de Oliveira, *Ibn Maruán*, 13, Câmara Municipal de Marvão, Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha, pp. 63-71.

Idem (no prelo) “Intervenções preventivas na área dos Estacionamentos (*Ammaia*)”, In: «*Actas das III Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano – 2005*», *Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

PEREIRA, Sérgio; CARVALHO, Joaquim; e BORGES, Sofia (2000), “Numismática ammaiese: notas preliminares”, *Ibn Maruán*, 9-10, Câmara Municipal de Marvão, pp. 55-70.

PEREIRA, Sérgio; e MANTAS, Vasco (no prelo), “*Ammaia*: dez anos depois”, *Munda*, GAAC, Coimbra.

PEREIRA, Sérgio; e OLIVEIRA, Jorge de (2005), “Da Pré-História à romanização na freguesia de S. Salvador da Aramenha”, In: *S. Salvador da Aramenha: História e Memórias da Freguesia*, Coord. Jorge de Oliveira, *Ibn Maruán*, 13, Câmara Municipal de Marvão, Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha, pp. 25-34.

PLINIO-O-VELHO, *Naturalis Historia*, Livro XXXVII, 24 e 127.

RESENDE, André de (1593-1790), *De Antiquitatibus Lusitaniae, Caeteraque Historica*, quae Extant, 1.^a edição (1593), 2.^a edição (1790), Coimbra, pp. 68-69.

S/ AUTOR (1948), “As ruínas romanas de *Ammaia* e o encanto medieval de Marvão”, *Vida Portuguesa*, 1.

SIDARUS, Adel (1991), “*Amaia* de Ibn Maruán: Marvão”, *Ibn Maruán*, 1, Câmara Municipal de Marvão, p. 13-26.

SILVEIRA, Francisco do Nascimento Silveira (1804), *Mappa breve da Lusitania Antiga e Galliza Bracarense*, Lisboa, pp. 268-269.

SOTTO MAIOR, Diogo Pereira de (1616/1984), *Tratado da Cidade de Portalegre*, *Introdução Leitura e Notas de Leonel Cardoso Martins*, INCM – Câmara Municipal de Portalegre, Maia, reedição da edição de 1619).

VASCONCELOS, José Leite de (1935), “Localização da cidade de *Ammaia*”, *Ethnos*, 1, Lisboa, pp. 5-9.

VIU, D. José de (1852), *Estremadura: Coleccion de sus Inscripciones y Monumentos*, seguida de *Reflexiones importantes*, Tomo I, Madrid, pp. 235-242.



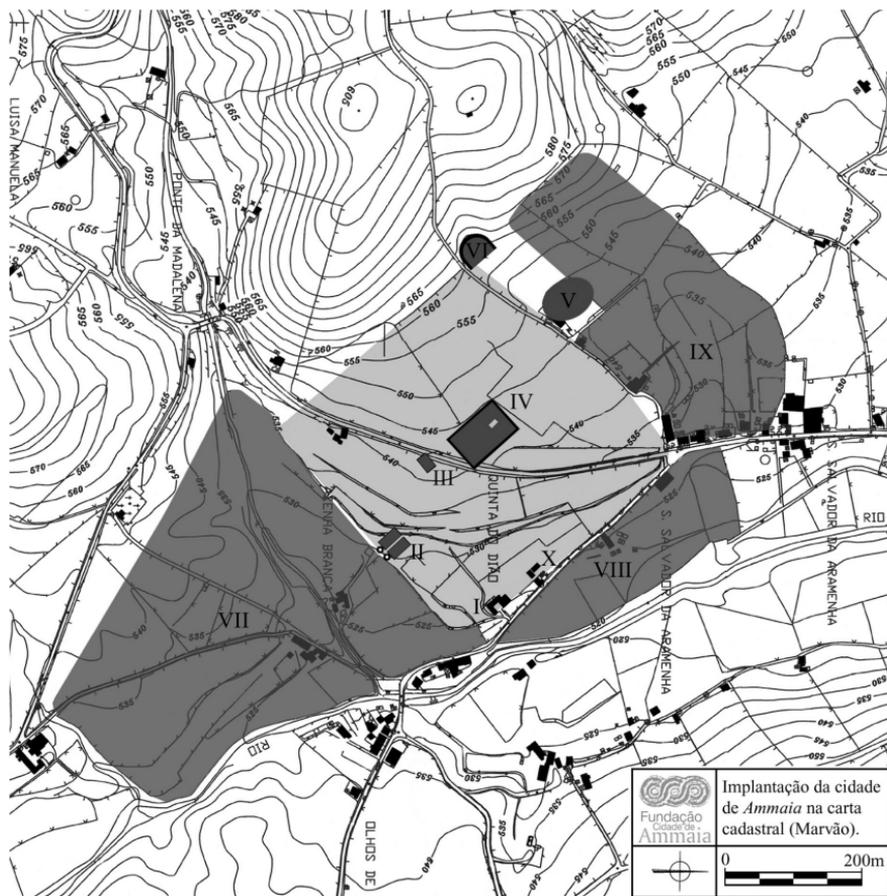
Localização do distrito de Portalegre



Localização do concelho de Marvão



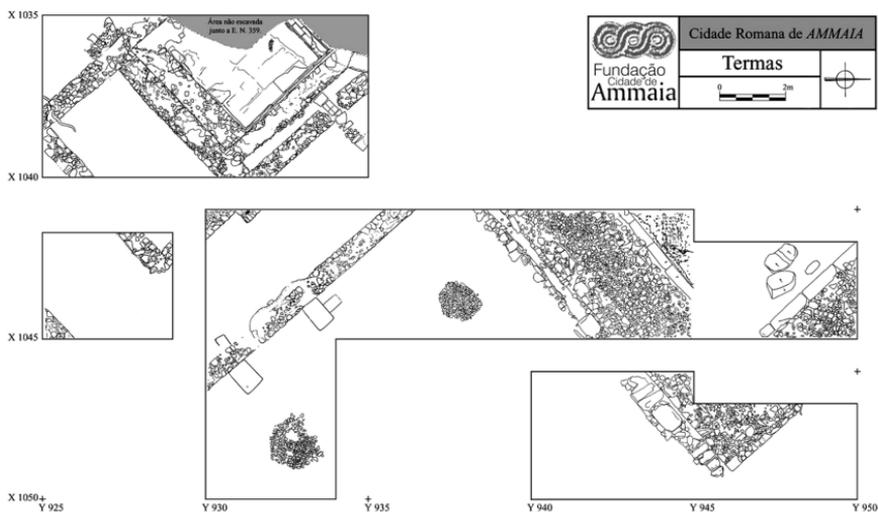
Localização da Ammaia na C. M. P., Esc. 1:25000, Folhas 347 (1971) e 348 (1970)



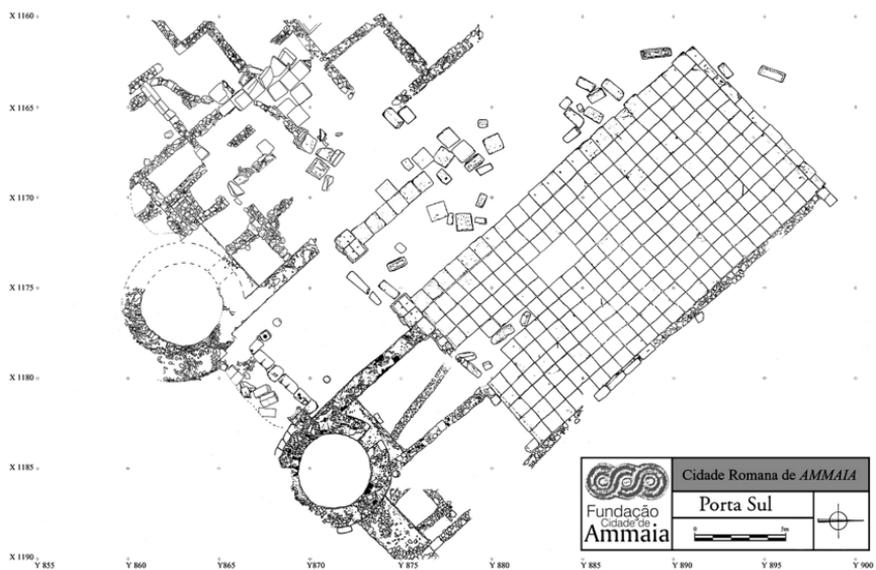
- I - Ed. Quinta do Deão.
- II - Porta Sul
- III - Termas do *Forum*
- IV - *Forum* / Templo
- V - Anfiteatro ?
- VI - Teatro
- VII - Área provável da necrópole SE

- VIII - Área provável da necrópole NE
 - IX - Área provável da necrópole NO
 - X - Depósito de materiais e Laboratório de conservação e restauro
- Perímetro Urbano
 - Área provável das necrópoles

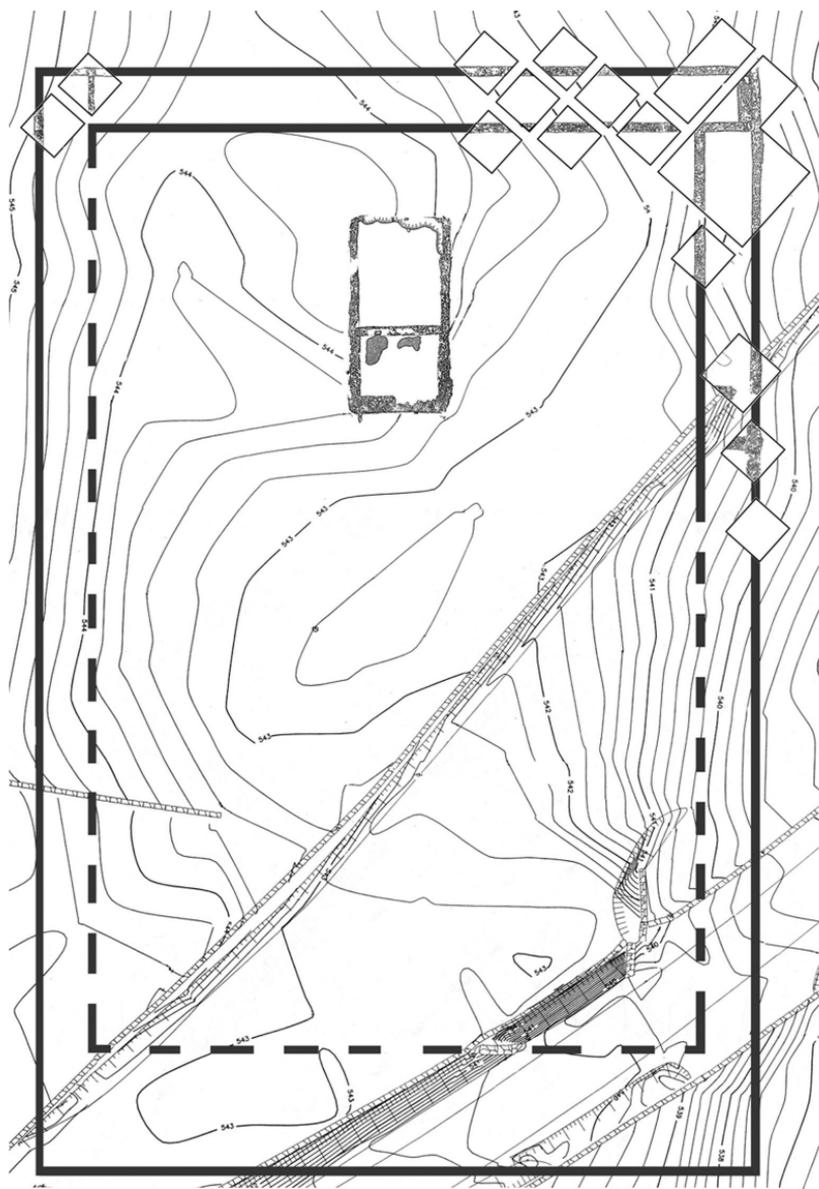
Planta da propriedade da fundação cidade de Ammaia c/áreas escavadas



Planta das termas,



Planta da Porta do Sol



	Cidade Romana de <i>AMMAIA</i>	
	<i>Forum</i>	
0 5 m		

Planta do forum, segundo J. Carvalho (2005)



FOTO 1 – Vista geral da área da Porta Sul



FOTO 2 – Edifício Quinta do Deão (actual centro museológico).